



Choque cultural e identidade dos filhos da diáspora: “An African City” e o modelo ocidental de sociedade

Cultural shock and identity of the diaspora's sons and daughters: 'An African City' and the Western model of society

Choque cultural e identidad de los niños de la diáspora: “An African City” y el modelo occidental de sociedad

Fabiana Kent Paiva¹

DOI: 10.5752/P.1809-6182.2019v16.n2.p15

Recebido em: 11 de março de 2019
Aceito em: 24 de junho de 2019

Resumo

Os filhos da segunda diáspora africana crescem com símbolos e referências culturais e comportamentais do Norte global, e têm dificuldade de se reintegrar à África quando decidem voltar a seus países de origem. A web série ganesa “An African City” retrata as dificuldades desses jovens, tendo como mérito representar um continente africano diferente daquele retratado pela mídia tradicional, mas falha ao empregar um discurso orientalista e colonial nas críticas feitas à África.

Palavras-chave: Pós-colonialismo; Arte; Diáspora Africana; Representatividade; Orientalismo.

Abstract

The sons and daughters of the second African diaspora grow up amidst symbols and cultural and behavioral references originated in the global North, developing a chronic difficulty to reintegrate in Africa when they decide to go back to their roots. The Ghanaian webserie “An African City” portrays the difficulties faced by these individuals, thriving in depicting the African continent through different lenses, but fails to employ a discourse that contextualizes the problems existent in the continent.

Keywords: Post-colonialism; Art; African Diaspora; Representativeness; Orientalism.

Resumen

Los niños de la segunda diáspora africana crecen con símbolos y referencias culturales y de comportamiento del Norte global, y les resulta difícil reintegrarse en África cuando deciden regresar a sus países de origen. La webserie de Ghana “An African City” retrata las dificultades de estos jóvenes, con el mérito de representar a un continente africano diferente del representado por los principales medios de comunicación, pero emplea un discurso orientalista y colonial para criticar a África.

Palabras clave: Poscolonialismo; Arte; Diáspora africana; Representatividad; Orientalismo

¹ Mestre em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2019), Especialização em História da Arte em curso (2019), Bacharel em Relações Internacionais pela PUC Minas (2015) e licenciada em Letras - Inglês pela Universidade Federal Fluminense (2010). Áreas de interesse: Estética, Cultura de Massa, Ciência Política, Direitos Humanos e Feminismo. Belo Horizonte/Brasil. ORCID: 0000-0003-1741-0770

Introdução

A onda migratória iniciada na década de 1990, considerada por diversos autores a segunda diáspora africana, decorreu da crise econômica, política e social deflagrada no continente após o processo de descolonização, pilhagem e abandono das potências imperialistas europeias. Nas quase três décadas seguintes, muitos jovens africanos retornaram ao continente, frequentemente tendo dificuldades de se readaptar, devido ao choque cultural e às questões identitárias dele decorrentes.

São cinco filhas da segunda diáspora as protagonistas de “An African City”, web série lançada no YouTube em 2014 pela diretora ganesa Nicole Amarteifio. Com nome e temática inspirados em “Sex and the City”, série de sucesso nos anos 1990, a web série ganesa ressignifica o modelo estadunidense de glamour e sexualidade e retrata a vida das amigas de diferentes países africanos que retornam ao continente para viver em Acra. As personagens, jovens sofisticadas de classe alta, discutem as dificuldades para readaptação ao continente e cultura que são sua origem, porém dos quais se separaram há muito, causando dificuldade de identificação com as regras sociais a que estão submetidas.

Em sua série, Amarteifio representa as questões identitárias dos filhos da segunda diáspora africana decorrentes de seu retorno à África, sua dificuldade de readaptação num ambiente cultural diferente do qual foram criados. Neste artigo, pretende-se discutir de que forma a ausência do debate pós-colonial na série inviabiliza a crítica ao modelo de sociedade do Norte global, resultando numa propagação da crença de inferioridade da África em relação a esse modelo.

A segunda diáspora africana

O termo diáspora é frequentemente utilizado para se referir à dispersão do povo judeu exilado da Palestina após a conquista Babilônica. A palavra

carrega consigo relações com exílio forçado, dor e sofrimento. Essa característica tem associado a diáspora a um movimento traumático, de perda de origens (REIS, 2012). A palavra também é usada para indicar um processo de dispersão de determinada população, além de comunidades vivendo fora de seu país de origem. O termo pode ser empregado caso haja o êxodo de populações que se estabelecem em outros países, porém fazem a manutenção de suas características culturais e por isso enfrentam a segregação em relação ao meio receptor. Uma vez que há a total assimilação à sociedade e país de destino, deixa de haver diáspora (GEORGE, 1985).

O movimento migratório especificamente estudado nesta pesquisa diz respeito à migração de povos africanos em direção ao continente europeu, e se deu a partir da década de 90 através do acirramento da luta pela descolonização de territórios africanos, que se estendeu por mais de três décadas (GUILLEN, 2007). Após a libertação destes territórios, houve uma grande onda migratória para países europeus, em busca de melhores condições econômicas e sociais e maior estabilidade política (NAIME, 2006). Assim, cerca de 3,5 milhões de indivíduos vindos das regiões norte e subsaariana do continente africano migraram para países europeus como França, Espanha, Alemanha e Reino Unido (LEITÃO, 2007).

O despreparo das potências europeias para receber estes imigrantes após sua retirada dos territórios africanos em consequência da descolonização fez com que os imigrantes se unissem em comunidades próprias para ajudarem uns aos outros, resultando frequentemente na formação de guetos, impedindo que os imigrantes se integrassem completamente ao novo ambiente, que os rejeitou (ORTEGA, 2007). O processo migratório africano em direção à Europa na década de 1990 pode, desta forma, ser defendido como a segunda diáspora africana, uma vez que a segregação social entre as

comunidades europeias e os imigrantes africanos continua sendo uma questão delicada na estrutura social dos países imperialistas, enquanto a primeira diáspora é identificada como a migração forçada de indivíduos da África para a América por meio do tráfico de pessoas escravizadas.

A migração internacional leva a uma mudança de ambiente social: os imigrantes passam a se inserir em um ambiente que diverge do seu local de origem, muitas vezes em quesitos culturais. Assim, mesmo migrando para outra nação ou comunidade, os imigrantes ainda mantêm relações ou hábitos sociais provenientes do local de onde emigram, ao mesmo tempo em que convivem com os novos hábitos da sociedade na qual estão inseridos. (SCHILLER-GLICK; BASCH; SZANTON-BLANC, 1995). Os povos africanos que migraram para a Europa, por exemplo, ao mesmo tempo em que passaram a ocupar um novo espaço, continuaram mantendo certos hábitos, como a religião e tradições culturais (SASAKE; ASSIS, 2000). Os imigrantes, portanto, podem encontrar dificuldades de se integrar ao país e à cultura de seu novo ambiente, pois mantêm laços com seu país e cultura de origem. Essa característica faz com que grupos vindos dos mesmos países se agrupem e se aproximem, por meio de elementos culturais que os unem, formando pequenas comunidades nos países de destino (SWIDDLER, 1986), o que fortalece o argumento de que a onda migratória africana para a Europa na década de 1990 pode ser considerada uma diáspora.

O retorno de integrantes da diáspora para seus países de origem é o movimento que mais interessa a essa pesquisa, uma vez que mesmo mantendo elementos da cultura de seus países de origem, os imigrantes se apropriam e absorvem muito da cultura a que são sujeitados no movimento migratório. Quanto mais tempo passam nos países de destino, mais absorvem regras e estruturas sociais,

assim como acontece com a assimilação da linguagem. Dessa forma, os filhos da diáspora, que saem do continente africano na infância ou juventude, se tornam cidadãos que vivem num meio termo cultural. Africanos demais para serem considerados europeus, e europeus demais para se reintegrarem completamente à África. O choque cultural decorrente dos movimentos migratórios desses indivíduos cria uma problemática identitária tanto quando ao chegar nos países de destino quanto ao voltar a seus países de origem.

Choque Cultural e Identidade

Processos migratórios, além de promoverem o deslocamento de pessoas de um ambiente a outro, também levam ao deslocamento de culturas específicas desses povos migrantes a outros locais onde essa cultura não está socialmente inserida. Com isso ocorre um estranhamento, que também pode ser denominado choque cultural. Mesmo após uma mudança de ambiente social, muitas comunidades mantêm certos hábitos. Swiddler (1986) alega que a cultura pode explicar essas continuidades na ação mesmo que existam mudanças estruturais. Esses indivíduos ou comunidades mantêm seus hábitos, pois costumam agir ainda de acordo com sua própria cultura, preservando “(...) hábitos tradicionais em novas circunstâncias; (...) a cultura responde por continuidades observadas no modo de vida dos grupos específicos” (SWIDDLER, 1986, p. 277-278, tradução nossa)².

A identidade do povo africano em diáspora é modificada pelo choque cultural e suas repercussões, uma vez que no novo ambiente é submetida a um novo “outro”. Henri Paul Hyacinthe Wallon (1979), em seus estudos sobre a identidade, intro-

² “(...) traditional habits in new circumstances [...] culture accounts for any observed continuities in the way life of particular groups.” (SWIDDLER, 1986, p. 277-278)

duziu o conceito de *socius*, ou “o outro”, como o elemento principal de formação de identidade. Para Wallon, os seres humanos são essencialmente entes sociais, e sua essência é construída em consequência de suas relações com os outros. Essa formação se dá durante toda a vida, de acordo com a relação dos indivíduos com seus pares (WALLON, 1979). Assim, as mudanças geoculturais a que são submetidos os filhos da diáspora criam uma identidade única a esse grupo, que mescla elementos africanos trazidos de sua origem e elementos europeus, que são assimilados por eles desde o choque cultural, até a sua adaptação. São indivíduos que se adaptam e se inserem ao ambiente europeu com mais facilidade que as gerações anteriores, e que por isso enfrentam maiores dificuldades de se readaptarem à cultura africana quando retornam a seus países de origem. Nesse movimento migratório de retorno ao continente africano, mais uma vez passam pelo processo de choque cultural, como será possível identificar nos relatos das ilustrações providas pela web série “An African City”, na próxima seção.

“An African City”: a Arte como representação do retorno dos filhos da diáspora à África

O dramaturgo francês Jean Anouilh definiu que o objetivo da arte é dar forma à vida (ANOUILH, 1990). A arte tem sido utilizada há milênios para eternizar e perpetuar grandes momentos históricos, culturas, a História de diferentes povos e seus costumes. Os egípcios antigos registravam os feitos dos Faraós e suas dinastias nas paredes das pirâmides séculos antes de Cristo, e pintores modernos como Picasso eternizaram momentos marcantes do século XX, como a dor da Guerra Civil espanhola em um de seus mais famosos quadros, “Guernica”, de 1937. A arte, em todas as suas formas, tem sido utilizada pelos seres humanos para

registrar, propagar e eternizar momentos históricos e falar deles para diferentes audiências, utilizando estilos, cores e formas para estabelecer uma linguagem comum com diferentes indivíduos através do espaço e do tempo. É possível, portanto, estabelecer uma conexão entre as expressões artísticas de um povo e sua identidade. A reprodução de tradições, divindades, língua, símbolos e história – seja através da literatura, pintura, cinema ou televisão – é uma ferramenta de reprodução de realidades e proposição de problemáticas identitárias, que expressa as características de um povo, ao mesmo tempo que contribui para a propagação das ideias propostas e das raízes identitárias representadas.

À arte sempre se concedeu o papel de auxiliar as comunidades na reprodução ou contestação de suas realidades. As formas artísticas acompanham o desenvolvimento tecnológico da humanidade, e dessa forma desenvolveram novos formatos e estéticas para alcançar um público cada vez maior. Artes clássicas como a literatura, a música, escultura, pintura se desdobraram em outros formatos que podem ser apropriados e utilizados por cada vez mais pessoas, democratizando o acesso à cultura e às representações de identidade a que nos referimos (LEVINE, 2015). A explosão da comunicação via Internet no fim do século XX contribuiu para que muitas das formas de interação social se modificassem. A arte e a forma de acesso a ela também foram afetadas por essas mudanças. Com um aparelho conectado à internet é possível visitar o acervo da maioria dos museus do mundo, é possível baixar filmes antes mesmo que cheguem aos cinemas brasileiros, e é possível acessar conteúdos que não necessariamente chegariam ao público através dos meios de comunicação tradicionais (QUERINO; FERREIRA, 2015).

Aproveitando-se destes espaços, muitos artistas do sul global têm tido a possibilidade de exibir seus trabalhos para um grande público. Foi o caso de Ni-

cole Amarteifio, cineasta ganesa que escreveu e produziu a web série “An African City”, disponível na plataforma YouTube. A web série possui duas temporadas, a primeira lançada em 2014 e a segunda em 2016 (IMDB, 2018a). Amarteifio construiu um universo que pretendia desconstruir os estereótipos da vida no continente africano e das relações pessoais entre seus cidadãos. A escritora, produtora e diretora decidiu levar ao mundo uma África que se afasta das imagens que comumente circulam na mídia tradicional, retratando a vida de cinco jovens da elite africana e seus estilos de vida luxuosos, que incluem restaurantes e estabelecimentos refinados, roupas de designers famosos e viagens internacionais.

A web série foi criada aos moldes da famosa série estadunidense “Sex and the City”, criada por Darren Star, contando com seis temporadas que foram ao ar entre os anos de 1998 e 2004 (IMDB, 2018b). As duas produções têm em comum a temática da vida de mulheres modernas, solteiras e que buscam sucesso em sua vida profissional e amorosa. As discussões sobre seus percalços são retratadas nos encontros frequentes entre as amigas, cujos diálogos fomentam as problemáticas propostas pela série. Os ambientes social e geográfico, Nova Iorque na versão estadunidense e Acra na versão ganesa, e o contexto de vida das protagonistas são os elementos que diferenciam fundamentalmente as versões americana e africana.

A questão do choque cultural é frequentemente visitada em “An African City”, uma vez que as cinco mulheres centrais à trama – NanaYaa, Sadé, Zainab, Makena e Ngozi - viveram grande parte de sua vida nos Estados Unidos ou Inglaterra. Nascidas em Serra Leoa, Gana, Quênia, ou nos EUA, filhas de pais nigerianos, as protagonistas passam a viver em Acra após estudarem e trabalharem no Norte global, e têm dificuldades de se reintegrarem ao contexto africano de sociedade (IMDB, 2018a). O emblemático episódio de estreia da web série, que teve mais de meio milhão de visualizações no

Youtube, retrata de forma contundente o contexto que traz os filhos da diáspora de volta ao continente, e as dificuldades enfrentadas por eles ao retornarem (THE RETURN, 2014).

Em uma reunião num restaurante refinado, as cinco mulheres relatam as vantagens e desvantagens de retornar ao continente africano. Entre as desvantagens, há a ausência da rede Starbucks, mas também questões mais profundas como o racionamento de água e os frequentes apagões energéticos na cidade. As famílias das protagonistas, todas pertencentes à elite de Acra, possuem geradores que as poupam das dificuldades impostas pela falta de energia, porém a custos astronômicos. Também são citadas as questões da pobreza da população em geral, que cria uma grande rede de comércio alternativo, além do problema enfrentado pela população ganesa em relação aos medicamentos, que são, de acordo com Zainab, em sua maior parte, falsificados. Entre as vantagens de se viver em Gana, as protagonistas destacam o clima, a grande disponibilidade de alimentos frescos e principalmente as oportunidades profissionais. De acordo com as personagens, os filhos da diáspora, que tiveram a oportunidade de estudar e trabalhar no Norte global, têm facilidade de encontrar empregos com altos salários, além de boas colocações em agências internacionais e do governo (THE RETURN, 2014).

Nos episódios seguintes, as temáticas variam. Há a denúncia de um sistema extremamente desigual para as mulheres. No episódio “Sexual Real State”, as protagonistas relatam diversas situações em que foram descartadas ou diminuídas profissionalmente por serem mulheres. De acordo com Makena, a África é um continente construído por e para homens. O único caminho garantido às mulheres para promoções, conquistas e enriquecimento é através dos tios, homens mais velhos, geralmente casados, que se relacionam com mulheres mais novas e as presenteiam com apartamentos, carros e oportunidades (SEXUAL REAL STATE, 2014).

O racismo também é retratado de forma categórica na série em diversos episódios. A questão da imposição do padrão de beleza do Norte é assunto recorrente entre as protagonistas, que, tendo acesso a discussões sobre empoderamento negro com colegas nos EUA e Inglaterra, questionam o processo que levou os africanos a se envergonharem de sua pele e cabelo. Em uma farmácia, oferecem a Zainab um creme branqueador de pele, com a justificativa de que ela seria linda se não fosse tão negra. NanaYaa, em uma conversa com as amigas, protesta pelo fato de estar em Gana e os salões de beleza não oferecerem tratamento de cabelos naturais crespos, além de a pressionarem para alisar os seus ou utilizar perucas de cabelos lisos (THE BELLY BUTTON TEST, 2014).

Outros temas também são abordados, como a corrupção, presente nos âmbitos público e privado de Gana, com policiais e fiscais cobrando subornos para liberar produtos na alfândega e ignorar pessoas dirigindo sob a influência de álcool. Também é retratada a sombra da epidemia de HIV no continente e os preconceitos relacionados à contaminação. Em um dos episódios, Sadé, Ngozi e Makena estão em uma reunião de negócios na qual os homens ali reunidos dizem a elas que elas parecem limpas demais para terem HIV (CONDOM ETIQUETTE, 2014).

As discussões entre as amigas são sempre permeadas por um sentimento de dúvida sobre seu pertencimento ao lugar em que ocupam. As mulheres têm dificuldade de assimilar costumes, aceitar padrões de comportamento e até se encaixar no mercado de trabalho, com os obstáculos impostos pelo sistema patriarcal dominante. A questão identitária é muito incisiva nesses momentos, em que as personagens identificam o continente africano como sua origem, como o lugar de tradição e história, porém não conseguem se sentir parte do ambiente em que se encontram, por carregarem elementos do Norte global.

Em uma das cenas mais emblemáticas, NanaYaa sente ciúmes de um ex-namorado que tem uma nova parceira, e é possível ver que a questão linguística tem um papel central no sentimento de não-pertencimento da personagem. A nova namorada conversa com NanaYaa em Twi, a língua autóctone mais falada em Gana (a língua oficial é a língua inglesa, herdada do imperialismo inglês) (A CUSTOMS EMERGENCY, 2014). De acordo com especialistas do campo da antropologia linguística, a linguagem é o modo mais flexível e difundido de se expressar e construir a identidade. É através das palavras e expressões aprendidas durante a formação linguística do ser humano que se aprende a compreender o mundo, e o fato de compartilhar os mesmos signos linguísticos para se referir a certo elemento ou situação cria a sensação de que se é parte de um grupo, de uma comunidade (BUCHOLTZ; HALL, 2005). NanaYaa não sabe se comunicar em Twi, e se sente humilhada. Ao comparar-se com a rival, tristemente chega à conclusão que é uma africana ocidentalizada e perdida de suas origens (A CUSTOMS EMERGENCY, 2014).

Através das problemáticas discutidas pelas protagonistas em “An African City”, a diretora Nicole Amarteifio retrata diversas dificuldades enfrentadas pelos filhos da diáspora em seu retorno ao continente africano. O olhar ocidentalizado desses indivíduos impõe a eles uma série de questionamentos sobre a organização social e os costumes dos países a que retornam e que veem como seu lar e origem. A questão linguística também tem um papel central nesse estranhamento, pois limita a capacidade de comunicação dos filhos da segunda diáspora. Esses indivíduos, que no Norte global são vistos como africanos e nunca totalmente pertencentes a essas sociedades, em seus países de origem são vistos como ocidentalizados, enfrentando também dificuldades para se incorporar à realidade africana.

Forma e Conteúdo: uma análise pós-colonial

Os elementos que formam uma produção televisiva ou cinematográfica são indissociáveis, uma vez que são partes de uma estética única e completa que tem como objetivo transmitir uma mensagem. Nessa mensagem está contida uma versão transposta e reconstruída de uma determinada realidade. Essas produções têm o poder de veicular visões de mundo e valores muito específicos, e é necessário um olhar crítico para que se possa compreender as mensagens enviadas junto às imagens apresentadas (BETTON, 1987).

No caso de “An African City”, há uma consonância bastante curiosa entre o formato escolhido para o desenvolvimento da história e seu conteúdo propriamente dito. Como colocado anteriormente, a web série ganesa foi desenvolvida nos moldes de uma série para televisão elaborada e produzida nos Estados Unidos da América, a famosa “Sex and The City”, sucesso entre as décadas de 1990 e 2000. A série estadunidense teve o mérito de retratar mulheres modernas, profissionais de sucesso, independentes e empoderadas. Cada personagem apresentava um traço marcante: a romântica, a *workaholic*, a idealista, a sexual, o que fez com que grande parte de sua audiência se identificasse com as protagonistas (MACHADO, 2010).

Porém, com pouco esforço é possível que se compreenda que nem todas as mulheres da audiência de “Sex and the City” foram contempladas com uma representação própria, já que não há personagens negros em destaque, sejam eles homens ou mulheres. A falta de representatividade é aguda, constante e bastante incômoda. Esse incômodo faz com que seja compreensível o ímpeto de uma diretora negra e africana como Nicole Amarteifio para produzir “An African City”, que pende totalmente ao outro oposto, tendo quase que totalidade de

personagens negros em seu elenco, dialogando com temáticas africanas, com as quais pessoas negras e africanas possam se identificar.

O resultado é de mérito inegável. A apropriação de um modelo do Norte global para a representação do Sul é feita com maestria por Amarteifio, e tem como resultado uma série feita por negros africanos para negros africanos. A web série também tem êxito ao mostrar ao mundo uma África com viés diferente do comum: a elite africana, com alto padrão de consumo, além de retratar mulheres independentes, altamente escolarizadas e inseridas no mercado de trabalho formal. Com uma média de trezentas e cinquenta mil visualizações por episódio em sua primeira temporada, é uma web série de sucesso e grande alcance.

Entretanto, é necessário que mais uma vez se construa um olhar crítico à forma com que as problemáticas e temas foram introduzidos pelas personagens do seriado. Durante os episódios de “An African City”, críticas contundentes são feitas à organização social, ao governo, aos costumes e à população ganesa e africana. Evidentemente há um desconforto das personagens ao tentarem se reestabelecer no continente africano. O olhar das protagonistas está enviesado, ocidentalizado, pronto para apontar as falhas e as desvantagens do continente africano em relação ao Norte global. O discurso crítico e desvalorizador, conteúdo fundamental da web série, é um dos elementos de sua estética, junto com o próprio formato em que foi construída. Uma vez que se ajuste o olhar para forma e conteúdo, se identifica a consonância perfeita entre os dois elementos fundamentais da produção artística em “An African City”.

Nicole Amarteifio, ela mesma ganesa e criada nos Estados Unidos, nos oferece uma produção que tenta encaixar moldes do Norte global à realidade africana, tanto em seu formato quanto em seu conteúdo. Enquanto a produção tenta adaptar

uma série estadunidense para a realidade africana, as próprias personagens tentam encaixar a África num modelo de sociedade que vem do Norte global. Apontar essa característica da produção de Amarteífo não tem como objetivo desvalorizá-la, uma vez que, como dito anteriormente, ela tem como mérito a representatividade negra e africana numa web série que tem como objetivo mostrar uma África diferente dos estereótipos mostrados na mídia comum. Esse é o triunfo do emprego do formato estadunidense à realidade africana.

Mesmo assim, é necessário refletir sobre o espectro hierarquizador e inferiorizador do discurso de “An African City”. Ele é fruto de uma tradição de oposição entre o Oriente e o Ocidente que precariza o primeiro em relação ao segundo. Tradição essa já milenar, que muitas vezes se insere no discurso sem que ao menos se perceba. Edward Said, em sua obra “Orientalismo” (1996) versa sobre como houve uma construção do saber em que o Oriente (e aqui Oriente não tem um significado geográfico e sim histórico-cultural, que define como orientado aquilo que não é Ocidente, esse representando a cultura hegemônica, ou seja, do Norte global) é repetidamente desvalorizado em relação ao Ocidente. Esse saber se desdobra em um discurso e visão de mundo que submetem o Oriente, ou Sul global, a uma comparação enviesada em relação ao Ocidente.

Como o autor coloca, essa visão do mundo impõe uma positividade inconsciente ao indivíduo, que acaba por reconhecer no oriental “(...) sua sensualidade, sua tendência ao despotismo, sua mentalidade aberrante, seus hábitos de imprecisão, seu atraso (...)”, em oposição ao desenvolvimento e superioridade do ocidental (SAID, 1996, p. 212), assim como pode-se perceber nas temáticas de “An African City”. As críticas a Gana e à África em geral são feitas de forma dura, sem que em de nenhum momento sejam tratadas como consequência das décadas de imperialismo europeu na área. Na se-

gunda metade do século XIX, o continente africano passou a ser ocupado pelas potências imperialistas europeias no movimento que ficou conhecido como neocolonialismo. Inglaterra, Alemanha, França, Portugal, Bélgica, Itália e Espanha estabeleceram áreas de influência no continente, em busca de novas fontes de matéria prima para suas indústrias e mercado consumidor para seus produtos. A divisão dos territórios entre os países europeus, promovida na Conferência de Berlim, em 1885, foi um dos primeiros e mais violentos golpes aos povos africanos, pois não levou em consideração rotas de comércio já existentes, regiões com afinidades étnicas e culturais, fragmentando os laços lá construídos ao longo de séculos (WILLIAMSON, 2011).

Para além disso, na maior parte do continente, as novas metrópoles estabeleceram grandes plantações e áreas de produção do que hoje são commodities, produtos primários de valor comercial baixo e variável em oposição aos artigos produzidos nas metrópoles, os manufaturados, mais valiosos no mercado internacional. A industrialização promovida nos países africanos na época servia somente para que produtos como borracha, algodão, café, tabaco e outros fossem produzidos e escoados com mais facilidade para a Europa, fortalecendo o já existente vão entre as potências europeias, já industrializadas, e a África. Isto é, a inserção comercial do continente no mercado internacional foi uma inserção subalterna, que reverberou para as décadas seguintes (WILLIAMSON, 2011).

Ademais, o extrativismo mineral e de petróleo no continente deixou cicatrizes profundas nos países africanos, sendo fonte de guerras e milhares de mortes em países como o Congo, Nigéria, Angola e outros. As metrópoles só deixariam o controle do continente a partir da década de 1960, em decorrência da luta dos países africanos por sua independência, deixando como parte de sua herança guerras, exploração, conflitos étnicos e instituições

frágeis (WILLIAMSON, 2011). Mesmo assim, a questão colonial não é tratada na web série, o que faz com que as precariedades no sistema africano sejam descontextualizadas, e retratadas como apenas uma questão de atraso natural do continente em relação ao Ocidente ou Norte global.

Considerações Finais

A web série “An African City”, criada e produzida pela diretora ganesa Nicole Amarteifio, tem como proposta a resignificação do modelo da série estadunidense “Sex and the City” para os moldes da sociedade africana. Suas protagonistas retratam de forma bastante acurada as dificuldades enfrentadas pelos filhos da segunda diáspora africana ao retornarem para seus países de origem. Esses jovens, altamente escolarizados e ocidentalizados, ao voltarem a seus países de origem já não compartilham os mesmos símbolos com seus amigos e familiares que não imigraram. Têm dificuldade para se adaptar nesse novo ambiente, com regras sociais, idioma e funcionamento diferentes do Norte global, criando uma questão identitária complexa: são africanos demais para serem europeus e europeizados demais para serem aceitos como africanos.

A web série de Amarteifio tem o mérito de representar a cultura africana e a sociedade africana de forma a não perpetuar estereótipos de pobreza extrema, isolamento e savana, substituindo-os por imagens de jovens bem-sucedidos, que se divertem e consomem da mesma forma que os ocidentais. É inegável o valor de uma produção que tenha a capacidade de dar visibilidade a populações historicamente negligenciadas pelas produções cinematográficas. Mesmo assim, é necessário que se desenvolva uma visão crítica do formato e conteúdo utilizados para construir a série.

Tanto forma quanto conteúdo podem ser vistos como a tentativa de encaixar a realidade africana

em um molde do Norte global, em detrimento da criação de um novo molde, que se adeque às qualidades e às adversidades do continente. Essa mensagem de subserviência e inferioridade, descontextualizada do imperialismo europeu que deixa marcas fundas em todas as nuances do continente, acaba por perpetuar a ideia já tão consolidada, e que deve ser a todo custo combatida, do atraso do continente africano em relação ao europeu.

Referências

- A CUSTOMS EMERGENCY – Episode 4 An African City. Direção: Nicole Amarteifio. 23 mar. 2014. Web série, 11’54”. Publicado por An African City. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ggCvrcVCUTI&t=8s>>. Acesso em: 12 fev. 2018.
- ANOUILH, Jean. The Rehearsal. In: **Five Plays**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1990.
- BETTON, Gerard. **Estética do Cinema**. São Paulo: Martins Fontes. 1987.
- BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kyra. Language and Identity. In: DURANTI, A. (Ed.). **A Companion to Linguistic Anthropology**, Nova Jersey: Blackwell Publishing, cap. 16, p. 360-394, 2005.
- CONDOM ETIQUETTE – Episode 7 An African City. Direção: **Nicole Amarteifio**. 06 abr. 2014. Web série, 14’09”. Publicado por An African City. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c0oGYhmMYSA&t=9s>> Acesso em 12 Fev 2018
- GEORGE, Pierre. **Geopolítica de las minorias**. Barcelona: Oikos-tan s.a. ediciones. 1985.
- GUILLEN, Antonio Ricardo Martins. **A Descolonização da África e o Luso-tropicalismo: repercussões no Brasil e em Portugal**. 156f. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007. Disponível em: <<http://migre.me/iUOTa>>. Acesso em: 02 fev. 2018.
- IMDB. **An African City**. 2018a. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt3711204/>> Acesso em: 19 fev. 2018.
- IMDB. **Sex and the City**. 2018b. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0159206/>> Acesso em: 19 fev. 2018.
- LEITÃO, José. A Imigração e o Futuro das Relações Entre a UE e África. In: COLÓQUIO GLOBALIZAÇÃO, POBREZA E MIGRAÇÕES. **Ciclo “África Começou Mal, África Está Mal: A Tragédia Africana”**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 09 mar. 2007. Disponível em: <<http://migre.me/q7oRV>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

LEVINE, Mark. When Art Is the Weapon: Culture and Resistance Confronting Violence in the Post-Uprisings Arab World. **Religion**, v. 6, n. 4, p. 1277-1313, 2015. Disponível em: <<http://www.mdpi.com/2077-1444/6/4/1277>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

MACHADO, Marieli Ritzel. **Mulheres Sex and the City: um estudo sobre a relação entre o seriado, a moda e a mulher contemporânea**. 73 f. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27903/000768061.pdf;sequence=1>> Acesso em: 19 fev. 2018.

NAIME, Jéssica. O perfil da migração africana. **Conjuntura Internacional**, Belo Horizonte, v. 3, p. 11-16, 2006. Disponível em: <<http://migre.me/q7oSI>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

ORTEGA, Manuel Medina. A Europa Face aos Novos Fluxos Migratórios. In: COLÓQUIO GLOBALIZAÇÃO, POBREZA E MIGRAÇÕES. **Ciclo “África Começou Mal, África Está Mal: A Tragédia Africana”**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 09 mar. 2007. Disponível em: <http://www4.fe.uc.pt/ciclo_int/doc_06_07/ortega.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2018.

QUERINO, Rubens Estevão Costa de Moraes; FERREIRA, Marta Araújo Tavares. Arte e informação: o papel das redes de informação na comercialização, divulgação e realização da arte contemporânea. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 20, n. 3, p. 116-136, jul./set. 2015.

REIS, Marilise Luiza Martins dos. **Diáspora como Movimento Social: A Red de Mujeres Afrolatinoamericanas, Africaribeñas e de la Diaspora e as políticas de combate ao racismo numa perspectiva transnacional**. 237 f. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/100761/308891.pdf?sequence>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Editora Schwarcz. 1996.

SASAKE, Elisa M; ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Teoria das Migrações Internacionais**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABEP, 12, 2000, Caxambu. **Anais...** Caxambu, out. 2000. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16_2.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2018.

SCHILLER-GLICK, Nina; BASCH, Linda; SZANTON-BLANC, Cristina. From immigrant to transmigrant: theorizing. **Anthropological Quarterly**, v.68, n.1, p.48-63, jan. 1995. Disponível em: <<http://www.veratelles.net/wp-content/uploads/2014/03/NinaSchiller-et-alii-FromImmigrant-to-Transmigrant-1995.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

SEXUAL REAL STATE – Episode 2 An African City. Direção: Nicole Amarteifio. 08 mar. de 2014. Web série, 15’45”. Publicado por An African City. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MtKX9qYPCuI&t=16s>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

SWIDDLER, Ann. Culture in Action: Symbols and Strategies. **American Sociological Review**, v. 51, p. 273-286, 1986.

THE BELLY BUTTON TEST – Episode 5 An African City. Direção: Nicole Amarteifio. 30 mar. 2014. Web série, 14’20”. Publicado por An African City. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aw2RtHSeOa0&t=9s>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

THE RETURN – Episode 1 An African City. Direção: Nicole Amarteifio. 2 mar. 2014. Web série, 13’53”. Publicado por An African City. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kg7hUuWKe2U>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

WALLON, Henri P. H. O papel do outro na consciência do eu. In: WALLON, H. P. H. **Psicologia e educação da criança**. Lisboa: Editorial Veja, p.24 – 37, 1979.

WILLIAMSON, Jeffrey G. **Trade and Poverty: When the third world fell behind**. Cambridge: The MIT Press. 2011.